


REPORTAGEM ESPECIAL

A coragem de um padre

Por MICHAEL WELZENBACH



Ameaça à
fé- Padre
MacInnes não
podia saber
que ele próprio
designara um
Judas entre
seus discípulos.

O MENINO NATIVO das tempestuosas Ilhas Hébridas ouviu um claro chamado para o sacerdócio. Já padre, beirando a meia-idade, foi atraído para o trabalho missionário. Esse caminho o levou ao Comité del Pueblo, bairro pobre na periferia de Quito, capital do Equador, onde a miséria, a imundície e a violência foram suas companheiras constantes. Esta é a história de como, em 12 anos de luta, o padre Colin MacInnes conseguiu fazer brilhar uma luz sobre a

FOTO: © STEVE WINTER/BLACK STAR



extensa paróquia de 70 mil pessoas, uma das mais pobres do mundo. Diante de dificuldades quase invencíveis e correndo riscos diariamente, ele lutou para melhorar as condições de vida e acender a esperança da população marginalizada e impotente.

Ajuda perigosa

NUMA QUENTE tarde de domingo, em outubro de 1988, o padre Colin MacInnes saltou da caminhonete emprestada e, apertando os olhos acinzentados sob o escaldante sol equatorial, andou até a confusa e pequena mercearia no coração do Comité del Pueblo, uma vasta favela na periferia norte de Quito, capital do Equador. Suas narinas estavam impregnadas da poeira amarela e do cheiro de urina vindo dos esgotos abertos ao longo da rua. Atrás dele, o ruído de multidões embriagadas na Via Principal, celebrando o Dia do Comité, era cada vez mais alto.

O robusto padre escocês de cabelos escuros observara o bastante das festividades para satisfazer a curiosidade, e não gostara do que vira. Ali estavam os “comunistas” do bairro — que, na verdade, eram meros bandidos — distribuindo panfletos. Pior, reconhecera muitos de seus paroquianos festejando com esses mesmos homens. Arqueou a sobrancelha espessa enquanto examinava a

cena. Teria de mencionar o assunto outra vez na missa da noite. Mas agora compraria pão e voltaria à casa paroquial, no outro lado do bairro. Inevitavelmente haveria alguém esperando por ele com um problema. E o telefone tocando, sem parar.

Quando entrou na sombra bem-vinda da pequena loja, notou meia dúzia de desordeiros encostados num muro, olhando-o insistentemente e cochichando entre si. *Melhor ir embora logo, antes que um deles comece a criar problemas*, pensou MacInnes. Obviamente, apesar da precaução de não dirigir o próprio carro, eles o tinham reconhecido.

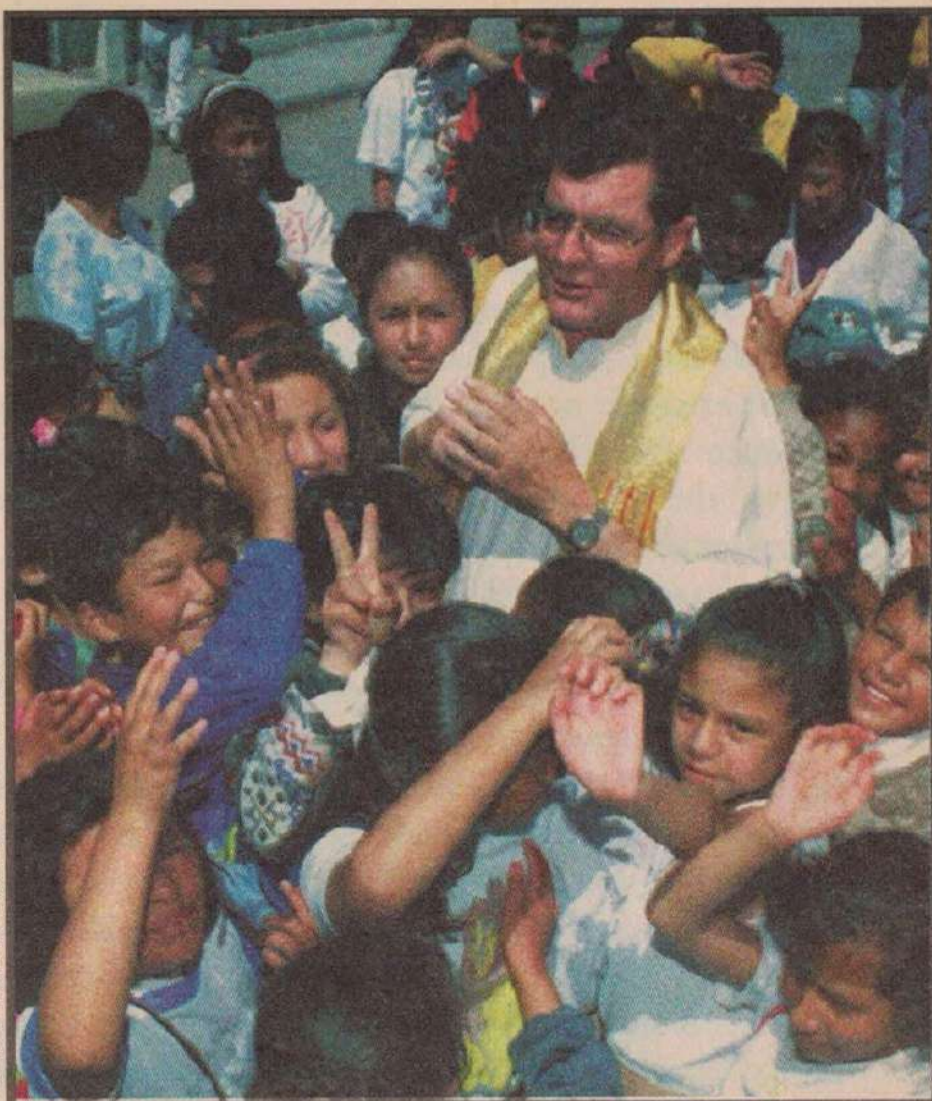
Mas era tarde demais. O álcool e as drogas haviam tornado a gangue audaciosa. Apesar de grande e forte, o padre era um só e estava no território deles. Era mais do que hora de darem um jeito nesse gringo intrometido que instava os paroquianos a resistir às ameaças e a lhes negar dinheiro em troca de proteção. Ele prejudicava os negócios, porque as pessoas lhe davam ouvidos.

Quando MacInnes saiu da mer-

cearia, o grupo avançou contra ele, vindo de ambos os lados. Com as chaves na mão, o padre correu para a caminhonete, seguido pelos jovens. Saltando para a cabine, viu o brilho de uma faca. Tentou esquivar-se quando um braço entrou pela janela aberta e desferiu-lhe um violento golpe no pescoço. Sentiu a picada da lâmina ao ligar o motor e seguir ruidosamente para a relativa segurança da rua principal, a Avenida Eloy Alfaro.

Minutos depois, o padre parou em frente à igreja de San José Obrero. Várias crianças brincavam nos degraus e alguns paroquianos mais velhos descansavam à sombra do pórtico da entrada. Enquanto caminhava em direção ao pesado portão de ferro que levava a seus aposentos, notou que o observavam – sem os habituais sorrisos com que sempre o saudavam. Uma vez lá dentro, olhou-se no espelho e entendeu por quê.

A frente de sua camisa estava encharcada de sangue. Examinando cuidadosamente o pescoço com os dedos, encontrou um corte profundo que por pouco não atingira a jugular. Precisava limpar-se e sair da igreja antes que outras pessoas o vis-



© ELDER BRAVO/SCOTLAND ON SUNDAY

Espírito comunitário— Para MacInnes, é importante ensinar que a união faz a força.

sem. Muitos paroquianos sabiam das ameaças que vinha recebendo dos bandidos e iriam querer vingança. E de forma alguma desejava um banho de sangue em sua defesa.

Fez um curativo no ferimento e trocou de roupa. Depois, tentando aparentar naturalidade, voltou a sair e subiu na caminhonete. Dirigiu-se para o campo, ao norte. Quando chegou às íngremes montanhas vulcânicas, onde a vegetação era escassa e as nuvens pairavam pouco acima da cabeça, desceu do carro e come-

çou a caminhar. Precisava de tempo para pensar.

Muito ao longe podia ver a extensa favela do Comité, seu confuso mosaico de barracos como um imenso monte de lixo despejado do céu. Também podia ver os magníficos picos de Cotopaxi e Cayambe, que, cobertos de neve, dominavam o horizonte. Aquela paisagem nunca deixava de comovê-lo. Como era possível existir tanta miséria à sombra de tamanha beleza natural?

Lembrou-se ternamente da visita que recebera de um grupo de paroquianos logo após sua chegada à favela, três anos antes. "Padre", aconselharam-no solenemente, "o senhor está correndo perigo, e a polícia não vem aqui. Se algo acontecer, toque os sinos da igreja e toda a paróquia virá em seu socorro."

Ele concordara, mas lhes pedira que não se preocupassem. Na manhã seguinte, quando tocou os sinos da igreja para a missa das 7 horas, conforme sempre fazia, um vizinho obeso e nervoso veio correndo pela rua em sua direção.

"*Padrecito! Padrecito!*", gritava, ansioso. "O que houve?"

O espantado padre não pôde deixar de rir, e garantiu ao homem que estava apenas chamando os fiéis para a missa. Quando o esbaforido suposto defensor jogou os braços para o alto com alívio, a faca que trazia escondida na camisa caiu no chão.

Precisava ter muito cuidado ao tratar o incidente, pensou MacInnes. Se provocado, seu rebanho normal-

mente pacífico poderia recorrer à violência.

"Meu Deus", rezou, "dai-me paciência!"

No fim do mundo

NUMA BELA TARDE no início da primavera de 1957, na distante South Uist, uma das Ilhas Hébridas, um desengonçado menino de 12 anos saltitava a caminho da casa paroquial, aspirando o ar salgado e ouvindo o grito dos pássaros. Perguntava-se por que o padre McLean queria vê-lo. Fosse o que fosse, Colin ficara lisonjeado quando a mãe lhe dissera que aquele homem sábio e brincalhão, que sempre quisera imitar, desejava falar com ele. Desde a infância, Colin sentira-se atraído pelos ritos da liturgia latina e pelo profundo e confortante mistério do Cristianismo.

Quarto dos sete filhos de uma família rural, Colin nunca saía de Uist. Vivia na isolada paróquia católica de idioma gaélico, com cerca de 320 pessoas. A eletricidade só chegou à ilha quando ele tinha 8 anos. A vida era difícil, e todos ajudavam nas tarefas: tosquiando as ovelhas, cortar e transportar turfa para cozinhar e se aquecer, construir barcos e lançar as redes e os cestos de lagostas.

Mas a infância de Colin era feliz. Sua mãe, Jean, era a alma da comunidade, sempre cozinhando e ajudando os vizinhos. A cortesia e o profundo senso de justiça do pai, Alan MacInnes, homem magro e de poucas palavras, eram lendários. Ele

estava sempre pronto a mostrar aos jovens pescadores onde podiam encontrar as melhores lagostas, mesmo que isso significasse menor quantidade para si próprio.

Chegando ao chalé do padre, Colin bateu à grande porta de madeira. Um homem alto, de rosto redondo e brilhantes olhos azuis, com cerca de 35 anos, abriu a porta e saudou o garoto com um sorriso caloroso.

– Como vai, Colin?

O menino seguiu-o escada acima até a austera sala de estar e foi convidado a sentar-se. Padre McLean foi direto ao assunto:

– Colin, já pensou no sacerdócio como sua vocação?

O garoto estava assombrado.

– Ah, padre – respondeu, espontaneamente –, é tudo que eu sempre quis!

– Ótimo! – disse o padre McLean, alegre. – Então vamos começar a tomar as providências.

Ao voltar apressado para casa, quando já anoitecia, Colin sentia o peito explodir de emoção. Correndo sem parar até o portão da construção de pedra cinza de dois andares onde morava, viu o imenso cavalo baio do pai pastando calmamente no cercado. Montou em seu dorso alto e largo e instigou o animal. Logo galopava pelas montanhas cobertas de urzes, gritando de felicidade.

Aos 18 ANOS, MacInnes foi enviado para o seminário em Valladolid, Espanha, onde passou seis anos estudando teologia e filosofia, em latim.

Ali aprendeu também língua e literatura espanholas, que o fascinariam por toda a vida.

Foi ordenado em 9 de julho de 1970, na Catedral de Oban, Escócia. Três anos depois foi nomeado, em períodos sucessivos, pároco de Oban, Barra e South Uist – que incluía St. Michael, a antiga igreja do querido Padre McLean.

MacInnes era incansável. Quando precisaram de uma nova casa paroquial na Ilha de Barra, arregaçou as mangas e trabalhou com os operários. Foi designado para o Conselho de Artes

Escocês e o comitê consultivo da BBC para melhoria das transmissões para os britânicos de língua gaélica. Inaugurou programas de empregos em algumas das regiões mais pobres das Ilhas Hébridas e viu-se supervisionando esquemas de trabalho e pagamentos mais extensos do que os do próprio governo escocês. Organizou e dirigiu festivais culturais gaélicos e seminários a fim de atrair mais atenção para as artes tradicionais gaélicas e arrecadar fundos para as ilhas remotas e carentes.

Mas faltava algo. Quando estava perto de completar 40 anos, MacInnes começou a pensar seriamente em trabalho missionário, talvez em usar seu domínio do espanhol e seu senso de

Quando estava prestes a completar 40 anos, o padre MacInnes começou a pensar seriamente no trabalho missionário.

organização em algum lugar onde pudessem ser de maior utilidade. Havia milhões de católicos em regiões violentas, na América Central e na América do Sul. Ele não seria mais útil à humanidade ali?

No outono de 1984, o popular padre da paróquia de South Uist foi a Boston, Massachusetts, para uma entrevista com a Sociedade Missionária de São Tiago Apóstolo. Sim, disseram-lhe, tinham trabalho para um homem com sua energia e seu talento. Estaria interessado em ir para o Equador?

É ASSIM LÁ ESTAVA ELE, vagando pela montanhosa área rural nos arredores de Quito, com um doloroso ferimento, a pele antes pálida agora áspera e avermelhada depois de três anos de exposição ao sol inclemente. Estava ficando tarde. Tinha de voltar à paróquia para rezar a missa – e tentar evitar um tumulto. Subiu na caminhonete e retornou.

Quando se aproximou da casa paroquial, na Avenida Eloy Alfaro, mal pôde acreditar no que viu. O boato de seu ferimento correra rápido. Centenas de paroquianos ansiosos rondavam a igreja havia horas. A vingança estava no ar. Já tinham aberto à força, com as mãos, os portões de ferro ornados com a foice e o martelo, símbolo do Comité.

Dentro da igreja lotada, as pessoas gritavam para saber o que deviam fazer com relação ao ataque. Levantando as mãos num pedido de silêncio, MacInnes disse: “O que me

aconteceu hoje não tem importância. Estou aqui, não estou? Eu estava no lugar errado na hora errada, então devo assumir inteira responsabilidade pelo incidente. Mais violência em nome de vingança não irá ajudar.”

O delicado caminho da diplomacia

MISSIONÁRIO MacInnes chegara ao Equador em janeiro de 1985, no porto de Guayaquil. Era o início da estação das chuvas, e o calor e a umidade lhe tiraram o fôlego. *Bem, certamente não foi no Jardim do Éden que vim parar!*, pensou, rindo consigo mesmo. Outro membro da sociedade de missionários foi recebê-lo com uma velha caminhonete. Com ela, duas malas e 4 mil dólares que economizara, partiu das selvas costeiras e subiu pelos Andes imponentes até a capital, Quito, situada num vale montanhoso a uma altitude de 2.850 metros.

Quando MacInnes se apresentou ao arcebispo de Quito, Antonio González, para receber informações sobre a nova paróquia, descobriu que o Comité del Pueblo começara como uma comuna para jovens idealistas no fim dos anos 60. À medida que a população da comuna aumentava com a chegada de pessoas carentes das áreas rurais vizinhas, atraídas pelo sonho de emprego na cidade grande, as gangues aproveitavam-se de seu infortúnio. Os dóceis índios do alto dos Andes e os negros do litoral eram forçados a

pagar por proteção ou a trabalhar de graça para as gangues.

A religião era desencorajada no Comité, pois ameaçava a autoridade dos chefes. Vários padres haviam tentado celebrar missa aos domingos, mas os rituais ao ar livre eram freqüentemente interrompidos por arruaceiros. Apesar disso, a maioria dos residentes do bairro era de católicos devotos, que desejavam praticar sua fé.

MacInnes deixou as malas no barraco úmido de blocos de concreto, seu novo lar, e saiu para explorar as malcheirosas ruelas sem calçamento que corriam entre frágeis choças de compensado gasto e sucata de ferro corrugado. Não tinha ido longe quando deparou com uma cena de cortar o coração. Saída do escuro de um barraco – feito de velhos estrados de cama e pedaços de madeira desbotada pelo sol, um cobertor imundo fazendo as vezes de porta –, uma família em lágrimas carregava um tosco caixão.

– Padre! Padre! – chamaram-no. – Por favor, reze uma missa para nosso irmão que morreu!

– Mas não tenho Bíblia, nem alva, nem crucifixo, nem vinho... – respondeu MacInnes.

– Vamos arranjar para o senhor – alguém logo se prontificou. Enquanto a multidão de vizinhos se reunia, as crianças recebiam rápidas instruções e saíam correndo, uma para cada lado. Em minutos voltaram com uma garrafa de vinho pela metade, uma Bíblia com os cantos

das páginas cheios de dobras e um crucifixo.

Tocado pela fé e a determinação do grupo de pessoas que ia crescendo cada vez mais, padre Colin rezou a missa para o morto, exposto ali na rua empoeirada – e instantaneamente ganhou o respeito e a lealdade da comunidade inteira. Dali em diante passaram a chamá-lo de *padrecito*.

As PESSOAS logo descobriram que aquele padre estrangeiro de fala mansa não se deixava intimidar pelos criminosos do bairro nem pelas autoridades de Quito, que havia muito fingiam não ver os problemas do Comité. MacInnes caminhava pelas ruas das áreas mais desertas e assustadoras da favela.

Seus paroquianos estavam ávidos por consolo, por alguém com quem pudessem compartilhar as ansiedades de seus corpos mortais e de suas almas imortais. O escocês de rosto severo e modos gentis descobriu que não podia passar por uma rua sem que viessem lhe pedir “um conselho, *padrecito*”. Pessoas envolvidas em brigas de família, à procura de uma criança ou vítimas de violência. A miséria das crianças sujas e mal nutridas era o que mais lhe cortava o coração.

Cecilia de Vries, equatoriana ca-

Saída de um barraco feito de pedaços de madeira, uma família em lágrimas carregava um tosco caixão.

sada com um eminente ornitólogo e professor universitário holandês, conheceu MacInnes meses depois de sua chegada ao Equador. Mãe de três meninas, administrando sua própria agência de viagens no centro de Quito, ficou imediatamente impressionada com o estrangeiro que se atirava ao trabalho com tamanha obstinação. E concluiu que, se havia alguém capaz de fazer algo pela favela que lhe despertava ao mesmo

Rezando, o padre se aproximou da pequena e patética figura, em busca de um sinal de vida.

tempo compaixão e medo, era aquele homem.

Católica fervorosa, Cecilia ofereceu-se como voluntária para organizar a paróquia. Espantou-se com as condições em que MacInnes vivia e, como ele se

recusasse a morar em outro lugar que não fosse entre os fiéis, ela o convidava regularmente à sua casa para fazer uma boa refeição e esquecer um pouco a brutalidade e a pobreza do Comitê.

Certo dia, Cecilia recebeu um fax para MacInnes, da sede da missão em Boston. Como estava em inglês e parecia importante, resolveu ir até a igreja na favela e entregá-lo pessoalmente. Logo que o padre, agradecido, começou a ler o documento, uma jovem entrou correndo na igreja, chorando histericamente.

— *Padrecito!* — soluçou. — Meu bebê morreu! Ah, padre, por favor, venha rápido!

Deixando o fax de lado, MacInnes abraçou a mulher e a levou até a caminhonete.

Desconfiada, em razão de telefonemas ameaçadores que o padre vinha recebendo, Cecilia temeu que a história fosse uma armadilha.

— Eu vou também — anunciou, e subiu na caminhonete com eles.

Cecilia ficou surpresa ao ver que o padre sabia exatamente onde a mulher morava. Pararam em frente a um barraco de um cômodo com telhado de ferro corrugado preso por pedras. Cecilia seguiu a mulher e o padre, entrando num cômodo sujo, que tinha apenas uma cama e um minúsculo forno a lenha. O chão era de terra batida e um buraco na base de uma das paredes servia de banheiro. Na cama, no centro do cômodo sufocante, jazia o corpo grotescamente contorcido de uma criança de 1 ano e meio. Seus olhos opacos estavam fixos no teto.

Cecilia observava, impotente, enquanto os severos olhos cinzentos de MacInnes se enchiam de lágrimas. Rezando rápida e fervorosamente, ele se aproximou da pequena e patética figura, ajoelhando-se para tocá-la com suavidade, em busca de algum sinal de vida. Mas era tarde demais. Soluçando, o padre fez o sinal-da-cruz e depois, com o polegar, benzeu a testa fria da criança.

Padre Colin iniciou os últimos sacramentos. A mãe assistia, uma das mãos sobre a boca, a outra agarrando desesperadamente a mão da filha mais velha. Depois de ter feito tudo

que podia como padre, MacInnes prometeu à mãe que providenciaria o funeral.

Quando voltavam para a igreja, ele contou a Cecília:

– Há dois dias levei aquela criança para o hospital. Estava com uma grave infecção intestinal e teve alta hoje. A mãe foi procurar trabalho para poder comprar arroz e dar de comer à filha. O médico disse que ela precisava de uma alimentação leve enquanto estivesse se recuperando da infecção. Ela deixou o bebê com a outra filha de 7 anos e saiu para trabalhar. Quando o bebê começou a chorar, a irmã preparou o único alimento que havia em casa: um pouco de café solúvel. – MacInnes balançou a cabeça. – Isso matou a criança.

Cecília sentiu-se arrasada diante da profunda tristeza do padre. Nunca imaginara que um homem com tamanha determinação pudesse chorar tão francamente.

– Sabe, Cecília – disse ele, quando pararam em frente à igreja –, eu ia batizar aquela criança hoje à tarde.

APESAR DA LITANIA diária de horrores, crescia a dedicação de MacInnes às suas responsabilidades. Embora seus inimigos tivessem espalhado rumores de que ele era agente da CIA e mulhereço, a cada semana mais pessoas apareciam para a missa de domingo.

De vez em quando, as gangues tentavam interromper a celebração. Mas, para alegria de MacInnes, os

paroquianos começaram a resistir ou a ignorá-los. Aos poucos, ele ia ganhando a confiança das pessoas. Tinha chegado para ficar. Afinal, não era aquela a força da Igreja? Não fora precisamente o que Cristo dissera aos apóstolos para fazer: sair pelo mundo e, com fé, resistir até ver a missão cumprida?

Como melhorar aquela situação terrível a curto prazo? Não se podia esperar que pessoas que precisavam lutar pelas necessidades vitais básicas se importassem com o bem-estar dos vizinhos.

As prioridades do padre eram óbvias: precisava de dinheiro, cooperação da paróquia e apoio do governo.

LOGO PERCEBEU que o governo era corrupto em todos os escalões. A polícia estava arruinada pela extorsão e pelos subornos, achacando a população infeliz e os próprios policiais. A existência dos 70 mil moradores empobrecidos do Comitê mal era reconhecida pelo governo. Cerca de 70% das crianças da favela estavam desnutridas. Padre Colin precisava de influência política, o que significava cultivar amigos e aliados dentro do sistema.

O padre começou a fazer a lição de casa. Era um homem prático.

Água

A NECESSIDADE mais urgente no bairro era a água. Luz elétrica e telefone podiam esperar. A disenteria e outras doenças intestinais eram freqüentes. O próprio pa-



Água abençoada— Uma paroquiana, satisfeita, lava roupa com a água que padre MacInnes conseguiu levar para a comunidade.

dre sofria bastante, sem ter acesso a um banheiro decente.

A água usada para beber, sem tratamento, era entregue irregularmente na favela por carros-pipas. Os habitantes freqüentemente tinham de esperar em filas, durante horas, com baldes e outros recipientes, e o líquido precisava ser fervido por muito tempo para poder ser ingerido com segurança. Um dia, quando o padre esperava por sua cota, encontraram a carcaça de um gato afogado bloqueando uma das mangueiras de saída da água. O motorista do carro-pipa simplesmente deu de ombros e atirou o cadáver na rua.

Quando padre Colin ouviu, em 1987, que o governo federal aprovara um plano para a construção de um enorme sistema para levar água potável das montanhas até Quito, decidiu procurar o prefeito, Rodrigo Paz. MacInnes começou a fazer um forte *lobby* para conseguir a extensão das tubulações até o Comitê, indo ao gabinete do prefeito todas as manhãs. Finalmente Paz concordou em procurar ele mesmo as autoridades do governo.

Mas, com essa experiência, MacInnes descobriu a enormidade da tarefa que tinha diante de si. Sim, informaram as autoridades a Paz,

havia planos de levar a tubulação até o Comité – mas não antes do ano 2020! Se o padre estrangeiro quisesse água antes disso, teria de fazer *lobby* no Congresso para iniciar algum projeto que provesse capital e mão-de-obra para o trabalho. Mão-de-obra, garantiu o padre às autoridades, não seria problema. Havia centenas de homens no bairro desesperados por um trabalho fixo. Entretanto, de onde tirar o dinheiro – uma quantia estimada em 3,5 milhões de dólares?

As lições que aprendera ao elaborar projetos de obras nas paróquias das Ilhas Hébridas agora não tinham valor algum. Talvez pudesse voltar à Escócia e iniciar um tipo de programa para levantar fundos. Entretanto, para conseguir o dinheiro na escala necessária, teria de elaborar um plano com o próprio governo equatoriano.

Então MacInnes teve uma idéia: se solicitasse ao menos alguns milhares de libras à Escócia, talvez pudesse convencer um dos grandes bancos americanos a vender-lhe uma porcentagem da dívida externa do Equador por um valor baixo, a título de contribuição de caridade, e em seguida fazer com que o Banco Central a comprasse dele com lucro.

Depois de vários e longos telefonemas para o padre McQueen e outros da diocese de Argyll e das ilhas próximas, padre Colin comprou uma passagem aérea para Nova York.

FOI PRECISO quase um ano de viagens, contabilidade, adulação e reu-

niões noite adentro com autoridades municipais e federais, mas em abril de 1988 MacInnes conseguiu levantar mais de 400 mil dólares em doações e investimentos. Com um empréstimo do Banco Central do Equador, estabeleceu uma fundação cujos objetivos eram fornecer água potável, novas moradias, esgoto coberto, posto de saúde, creche, programas de assistência técnica e um grupo educacional para mulheres operárias.

Enquanto isso, padre Colin precisava dar continuidade a outros projetos, como a construção de uma igreja. Assim, contratou um dinâmico engenheiro de 40 anos para gerenciar o projeto de abastecimento de água. Fernando Moya Espín, que conhecia o governo em Quito, foi recomendado por uma tia, ex-freira.

MacInnes precisava de alguém com os conhecimentos de Moya. Ficou acertado que o engenheiro receberia um salário pela fundação e que seria responsável, com o padre, pelo gerenciamento das verbas. Também ficaria a seu cargo recrutar outras pessoas que pudessem ajudar a administrar o projeto de maneira eficiente.

No fim, a fundação se revelaria mais lucrativa do que o bom padre jamais ousara esperar. Infelizmente, MacInnes não podia saber que ele

Havia centenas de pessoas desesperadas por um trabalho fixo. Mas onde arrumar dinheiro para as obras?

próprio designara o Judas entre os novos discípulos.

Perigo e realização

MÃOS CHEIAS de disposição puseram-se a trabalhar para concluir a igreja de San José Obrero, cujos alicerces haviam sido lançados pela ordem missionária italiana de Dom Bosco alguns anos antes. O lugar era ideal, no alto de uma colina, próximo da Avenida Eloy Alfaro. A casa paroquial foi concluída no inverno de 1987, e o agradecido padre pôde mudar-se do casebre que ocupava desde sua chegada ao país.

Agora, incentivava os paroquianos a fazer trabalhos de artesanato e objetos decorativos para o complexo de prédios, que compreendia a casa paroquial, salas de aula, o refeitório das crianças, escritórios e o centro comunitário.

Em outubro de 1988, poucas semanas após o ataque em que teve a garganta ferida, padre Colin decidiu que seria bom para os jovens da paróquia participar de uma tradição religiosa equatoriana de 400 anos: a peregrinação noturna anual até a Basílica da Virgem de Quinche, cerca de 30 quilômetros montanha acima, a nordeste de Quito. Anunciou o ambicioso projeto (ambicioso demais, como logo descobriria) na missa de domingo, e em pouco tempo tinha cerca de 5 mil jovens prontos para fazer a longa marcha. A multidão reuniu-se em volta da igreja no dia 22 de outubro e, quan-

do a noite caiu, partiu carregando latas cheias de trapos embebidos em óleo diesel para iluminar o caminho. Iam todos animados, e o padre estava encantado.

Mas ele não contara com os obstáculos físicos da jornada. Antes que percebesse, estavam subindo de quatro, ao longo das perigosas bordas de profundos precipícios e crateras de cinza vulcânica, que desmoronavam facilmente. Os caminhos existentes eram íngremes e estreitos, fazendo-os subir cada vez mais.

Em certo ponto, uns 15 jovens que haviam se adiantado, segurando-se uns aos outros como apoio, desceram rolando a encosta de uma ravina, quase levando o resto da procissão para o abismo negro. Foi uma das mais longas noites que MacInnes já vivera. Quando, ao nascer do dia, finalmente se atirou exausto no chão de pedras da basílica, jurou nunca mais sugerir nada parecido!

Em 1990, MacInnes sentiu que afinal estava progredindo. Um enorme tanque de armazenamento e filtragem de água foi instalado no campo em frente à igreja, e centenas de habitantes já desfrutavam do luxo de dispor de água potável. Casas firmes de concreto começavam a substituir muitos dos frágeis barracos de madeira. As ruas estavam sendo calçadas e iluminadas à noite. Diariamente, após a aula, mais de 200 crianças do bairro recebiam um almoço saudável no refeitório. Os grupos de orientação aos pais esta-



Alimento para o corpo e a alma— Padre MacInnes fundou uma creche na comunidade para que os pais pudessem trabalhar sem preocupações.

vam sendo organizados por um psicólogo desempregado que um dia chegara à paróquia procurando trabalho e decidira ficar.

Expansivo e educado, Marcelo Duque logo se tornou o braço direito de MacInnes. Cada vez mais, os comunistas eram empurrados para a margem da comunidade, sua influência em franco declínio.

Mas, além dos bandidos, o padre enfrentava outros perigos.

UMA GRADE ALTA de ferro batido protegia o complexo da igreja, e as portas de todos os prédios eram também de ferro resistente. A casa paro-

quial ficava afastada, atrás do prédio principal, protegida por um pesado portão, fechado com trancas duplas à noite. Para chegar até o padre, era preciso apertar a campainha do portão. No entanto, todas essas precauções não foram bastantes para protegê-lo de agressores.

Por volta de uma hora, numa noite da primavera de 1990, o padre foi acordado por batidas furiosas na porta da frente. Algo fizera com que tomasse cuidado extra naquela noite. Silenciosamente, foi até a cozinha, onde uma janela acima da pia permitia ver qualquer pessoa que estivesse na porta da frente. Tonto de sono, es-

esticou o pescoço para ver quem podia ter passado pelo portão trancado. E então se viu diante do cano de um revólver, que passava entre as barras de ferro da janela.

– O senhor é a encarnação do demônio, Padre – sibilou ameaçadoramente uma voz familiar –, e estou aqui para matá-lo!

O padre ficou imóvel. Reconheceu o rapaz imediatamente, mesmo

Esticou o pescoço para ver quem passara pelo portão trancado. Então se viu diante do cano de um revólver.

no escuro. A julgar pela respiração e pela fala enrolada, estava sob efeito de drogas – maconha e cola, se o passado servisse como base.

O invasor estava empoleirado na caixa de madeira que cobria a máquina de lavar, do lado de fo-

ra da janela da cozinha, apontando a arma diretamente para o rosto do padre.

MacInnes, desnordeado, tentava pensar num modo de contornar a situação. Sabia que o jovem tinha um passado muito problemático. No ano anterior, roubara uma cooperativa de crédito e, depois de negociar com MacInnes, acompanhara-o até a delegacia para confessar. Durante algum tempo após o incidente, tudo parecera bem. Mas, sem que o padre soubesse, o sugestionável e solitário jovem envolveu-se com uma das seitas marginais que ainda floresciam no Comitê.

Para não alarmar o rapaz agitado,

padre Colin muito lentamente se er-
gueu e sentou-se na pia da cozinha,
de frente para ele.

– Por que está fazendo isso, meu amigo? – perguntou, com calma. – O que fiz de mau a você?

– O senhor é o demônio! Precisa morrer, eles me disseram.

– Quem lhe disse isso? – perguntou o padre, concentrando-se em ganhar tempo, em permanecer vivo.

– Eles. Agora vou atirar. – A arma tremia na mão do rapaz.

Era apenas o começo de uma noite longa e aterradora. Depois de passar mais de três horas olhando para o cano da arma, o padre finalmente conseguiu convencer o jovem – que ia se tornando sóbrio e amolecendo – a abaixá-la e entrar para se proteger do frio. Lá dentro, padre Colin serviu-lhe chá quente e deu a ele dinheiro. Aconselhou-o a deixar o Comitê e sua pernicioso influência de drogas e crime, e ir para longe, tomar as próprias decisões.

Numa noite de quarta-feira após a missa, cerca de um ano depois, MacInnes deixou a porta da frente aberta enquanto voltava à igreja por alguns instantes. Um rapaz de uns 20 anos aproveitou a oportunidade e escondeu-se atrás da porta da cozinha. Quando o padre retornou à casa paroquial e fechou a porta, foi instantaneamente atacado pelo homem, que lhe encostou uma longa faca de cozinha no peito.

Dessa vez MacInnes ficou com raiva. Aquilo era mais uma tentativa dos bandidos de intimidá-lo, pen-

sou, e ele já agüentara o bastante. Fixando o jovem franzino com olhar penetrante, aprumou-se e, em seguida, disse com tranqüilidade:

– Sou maior e mais forte do que você. E tenho vizinhos aqui perto. Quer tentar? Vá em frente!

O invasor acovardou-se. Não foi preciso muito para convencê-lo a entregar a arma. Num gesto de desprezo, o padre atirou-a atrás do fogão.

Traição

A MEDIDA que a paróquia continuava a crescer, a campainha e o telefone do padre Colin tocavam sem cessar. As queixas, mágoas e discussões que requeriam conselho ou arbitragem pareciam infinitas. Ele contratou duas secretárias que, entre outras tarefas, ajudavam a selecionar os telefonemas – muitos deles, ameaças dos inimigos. Várias freiras foram enviadas pela diocese para ajudar nas aulas das crianças, e voluntários trabalhavam no refeitório.

Enquanto isso, os projetos da fundação pareciam progredir. No entanto, havia problemas entre Fernando Moya Espín e os trabalhadores do Comité. Padre Colin ouvia queixas de que Moya agia autoritariamente e era uma pessoa difícil, que ignorava os conselhos dos moradores a respeito das melhorias no bairro. Havia também boatos mais graves: Moya e seus colaboradores estariam usando dinheiro da organização para “ferrar os próprios bolsos”.

Ao mesmo tempo em que começava a questionar as intenções do líder que nomeara, MacInnes também era sensível às dificuldades que Moya enfrentava ao lidar com trabalhadores muitas vezes apáticos e desconfiados. A indiferença deles com relação ao trabalho o havia confundido muitas vezes.

Certa vez, quando quebrou a perna jogando futebol com as crianças da paróquia, o padre ficou duas semanas sem poder fazer suas visitas diárias de supervisão à cooperativa de investimentos no centro do bairro. Quando a perna finalmente ficou boa e ele pôde voltar ao trabalho, ficou consternado ao encontrar um caos completo. Os recibos e outros formulários tinham acabado, e os empregados simplesmente jogavam o dinheiro numa caixa de papelão. MacInnes teve de pagar do próprio bolso um auditor para organizar a bagunça. Quando questionado sobre os rumores, Moya negou veementemente qualquer culpa, mas crescia a evidência de má administração da fundação.

Os empreiteiros queixavam-se ao padre de não terem recebido por materiais e serviços, e os projetos se arrastavam. Vários veículos adquiridos e aprovados pelo padre para uso da fundação foram vistos pela cidade com amigos de Moya e com seus sócios em outros empreendimentos. MacInnes começou a ouvir boatos de que Moya pagava comissão por favores recebidos.

Apesar de no início o padre ajudar a transferir os fundos de um banco

para outro semanalmente, a fim de obter o melhor rendimento, o crescente volume de trabalho fez com que ele cada vez mais delegasse a função para subordinados. Logo não tinha idéia de onde estava o dinheiro. Os cheques, aparentemente para projetos da comunidade, eram entre-

gues para que os assinasse, o que ele fazia mecanicamente. O mesmo acontecia na associação de poupança e empréstimo do Comité.

Em 1994, era impossível continuar ignorando as discrepâncias contábeis e MacInnes concluiu que algo drástico precisava ser feito.

PRÓXIMO MÊS

PERDIDOS NO ATLÂNTICO

Atravessar o oceano num pequeno monomotor não parecia arriscado para o jovem casal. Mas algo saiu errado.

MAIS

PELA VIDA DE JESSE

Aos 5 anos, meu filho apresentou os primeiros sintomas de uma rara doença cerebral.

RESSURGINDO DAS CINZAS

Ao ver a igreja destruída por causa do ódio racial, a mulher prometeu a si mesma ajudar a reerguer o templo.

TRÁFICO DE ESCRAVOS NA EUROPA

Milhares de imigrantes estão entrando ilegalmente na União Européia graças ao crime organizado. Para muitos deles, porém, os problemas estão apenas começando.

A VERDADE SOBRE AS MENTIRAS

Até que ponto as pequenas inverdades do dia-a-dia são inofensivas?



Em vez de tentar processar Moya e correr o risco de abalar uma aliança já frágil, MacInnes propôs assumir o controle de todos os projetos da comunidade e criar outra fundação. Moya recusou. O padre estava com as mãos atadas. O dinheiro que faltava, cerca de 1 milhão e 400 mil dólares, fora bem escondido com a ajuda dos contatos comerciais de Moya. Em março de 1995, o Banco Central do Equador confiscou os ativos que restavam e os juros correspondentes. A fundação do padre foi efetivamente destruída e 220 novas casas do bairro ficaram inacabadas, deixando o mesmo número de famílias sem condições sanitárias e sem emprego.

MacInnes imediatamente lançou uma campanha para alertar as autoridades judiciais e a polícia para a fraude. Mas foi em vão. À medida que os meses se passavam, sem outra resposta a não ser promessas nunca levadas a cabo, diminuía as esperanças do padre.

A história do dilema do padre do Comité virou notícia, e Moya partiu para a ofensiva, a fim de impedir qualquer tentativa de responsabilizá-lo pelos fundos desaparecidos. O irmão de sua namorada era da polícia, e Moya acusou o padre de ser o responsável pelo desvio do dinheiro. O engenheiro negou publicamente participação no desfalque. (Entretanto, no verão de 1996, Moya desapareceu. Dizia-se que estava na Venezuela.)

Ao saber que Moya o acusara, o padre enganado perdeu a paciência.

Só precisou de um telefonema ao serviço nacional de notícias para ganhar espaço na televisão a fim de defender-se e acusar a polícia e o governo de corrupção generalizada. Além de denunciar a má-fé de Moya, sugeriu que tanto o juiz que procurara antes quanto a polícia haviam sido subornados para não tomar nenhuma providência com relação ao ocorrido.

Nos dias seguintes a seu pronunciamento na televisão, as autoridades permaneceram em silêncio. Mas, sem que MacInnes soubesse, o juiz denunciado indiciara-o *in absentia* por nove crimes, que iam desde roubo e “enriquecimento ilícito” até distribuição de propaganda contra o governo, “associação ilegal” e ameaças por telefone a Moya – embora este nem tivesse telefone. Uma ordem de prisão foi emitida contra o padre.

A SEGUNDA-FEIRA, 12 de fevereiro de 1996, foi escura e úmida. MacInnes rezava normalmente a missa das 8 horas e, como de costume, a igreja estava cheia. Bem depois do início da cerimônia, as pessoas continuavam a chegar ao interior arejado e circular, alguns levando violões para os cânticos da missa. Crianças pulavam por toda parte – assim como vários viralatas sarnentos presentes em todos os cantos da favela. Havia jovens sono-

O Banco Central do Equador confiscou os ativos restantes e a fundação do padre foi destruída.

lentos que se esforçavam para vir com roupas limpas, os cabelos negros cuidadosamente penteados. As índias mais velhas, apoiadas em bengalas, chegavam usando coloridos xales e chapéus, os longos cabelos grisalhos presos em rabos-de-cavalo amarrados com fitas brilhantes. Algumas, cansadas demais para subir os de-

‘Isto pode acabar em matança’, pensou padre MacInnes, lutando para manter a serenidade e o bom senso.

graus da igreja, sentavam-se, resolutas, para rezar ao pé da escada.

No estacionamento perto do complexo, crianças brincavam alegremente de luta ou jogavam bola. Músicos tocavam e cantavam, e os comerciantes que ven-

diam flores, melões e doces para ajudar a igreja ofereciam suas mercadorias. A missa na igreja de San José Obrero era sempre festiva.

Na terça-feira, porém, a missa seria diferente. Alguns minutos depois de iniciada a celebração, as pessoas do lado de fora se alarmaram quando meia dúzia de carros da polícia chegou com as sirenes ligadas, vindos de todas as direções, seguidos de perto por vários outros automóveis comuns, dos quais saltavam policiais à paisana.

Um ônibus carregando outros 50 policiais uniformizados e fortemente armados saiu da Avenida Eloy Alfaro e abriu as portas. Logo depois chegou um furgão cheio de cães policiais.

Em segundos era completo o caos no local. Um grupo de dez policiais à paisana abriu caminho em meio à multidão e pôs-se a subir os degraus em direção à porta da igreja. Os homens uniformizados, armas em punho, rapidamente tomaram posição para conter o tumulto. O grito veio ondulando pela multidão:

– Eles querem levar o *padrecito*!

A congregação reagiu de imediato. Enquanto MacInnes, os óculos fora do lugar, era arrastado degraus abaixo, os sinos da igreja começaram a tocar. Vários paroquianos correram em auxílio do padre, afastaram a polícia e formaram um escudo humano em torno dele. A multidão cerrou fileiras, e centenas de mãos agarraram os policiais de todos os lados. Agora era a vez de a polícia se alarmar. Os vendedores e as crianças começaram a atirar frutas.

Teresa Guayasamin, 79 anos, uma delicada porém vigorosa nativa de Quito que trabalhara com padre Colin durante quase dez anos, sentia-se ultrajada pelo ataque da polícia a um homem que considerava santo. Com seus longos cabelos prateados presos num coque, os brincos pendurados e o brilhante avental de flores, Teresa era o retrato vivo de uma avó. Segurando firme a bengala com ambas as mãos, começou a bater nas costas dos policiais que estavam à sua frente. Como isso não surtisse efeito, desviou o alvo para as canelas dos homens. Gostou de vê-los pular um pouco. Um deles deixou cair a arma.

Ao redor do complexo, fileiras de policiais uniformizados observavam nervosamente enquanto eram cercados por centenas de moradores do Comité que pareciam se materializar do nada. Dedos tensos pousavam sobre os gatilhos, enquanto os canos das armas eram movidos de um lado para o outro. E os sinos continuavam a ecoar por todo o bairro.

Ah, não, pensou MacInnes, lutando para manter a serenidade e o bom senso em meio ao tumulto. *Isto pode acabar em matança!*

– Rápido, *padrecito!* – gritou um amigo. – Precisamos levá-lo para a casa paroquial.

Esconderijo

UMA VEZ levado para a relativa segurança da casa paroquial, MacInnes assistia ansiosamente de sua janela ao confronto entre a polícia – cada vez mais intimidada – e os habitantes do Comité chegar a um tenso impasse. Em menos de meia hora milhares de pessoas haviam cercado a polícia – muitas delas armadas. O ânimo da congregação era ameaçador, e dois policiais à paisana tinham sido tomados como reféns e presos no escritório paroquial anexo à igreja. Cerca de 400 pessoas ocuparam a igreja e mantiveram-se firmes atrás dos portões do complexo, diante de uma fileira de policiais com as armas apontadas para eles.

– Preciso ir até lá – disse o padre. E não houve como detê-lo.

Assim que a multidão percebeu que o padre estava entre eles, houve um alvoroço. Seus apelos para que se mantivesse a calma desapareceram em meio à balbúrdia, e ele foi carregado escada acima, de volta a seus aposentos.

A multidão enfurecida preparava-se para um cerco. MacInnes mal podia acreditar na feroz lealdade que via em sua paróquia. Homens, mulheres e crianças arriscavam a vida por ele. Contudo, algumas medidas deviam ser tomadas antes que houvesse qualquer disparo.

Enquanto o padre pensava em como controlar a situação, outro grupo de radiopatrulhas chegou. Felizmente, o objetivo desta vez era restaurar a calma. O confronto agora estava sendo transmitido ao vivo pela televisão. A polícia subestimara enormemente a popularidade do padre estrangeiro. O governo não precisava de mais publicidade favorável a MacInnes. Com um megafone, a polícia negociou a libertação dos dois reféns, prometendo deixar o local imediatamente e não fazer qualquer mal ao padre. Depois de tensas negociações durante uma hora ou mais, o povo, relutante, concordou. A polícia desapareceu sem demora.

Mas as pessoas ficaram de sentinela a noite toda – para o caso de retornarem. Na verdade, dezenas de paroquianos acamparam no complexo da igreja todas as noites durante os dois meses seguintes, até terem certeza de que ninguém mais tentaria prender seu *padrecito*.

Na noite que se seguiu ao ataque da polícia, seis automóveis pararam em frente à igreja de San José Obreiro assim que escureceu. Ao volante, encontravam-se religiosos, um deles o bispo Julio Terán. MacInnes foi rapidamente escoltado até um dos veículos.

Em seguida os carros partiram em diferentes direções. MacInnes foi levado a um local secreto no centro de Quito, onde permaneceria escondido durante um mês.

O motorista do carro em que estava o padre perdeu-se a certa altura do caminho. Então parou e pediu informações a um policial, que atendeu ao pedido com a maior cortesia.

A vida continua

DA NOITE para o dia, o padre Colin MacInnes ficara famoso em todo o Equador. Sua difícil situação e o incidente na paróquia do Comité estavam no noticiário. MacInnes logo descobriria que eram muitos os que o apoiavam — não apenas em Quito, mas em todo o país. Muitos o consideravam um símbolo da luta da moral contra uma burocracia corrupta e ineficaz.

Mas, para o missionário determinado, ser obrigado a se esconder era intolerável. Logo no dia seguinte decidiu lutar da única forma que podia. Correndo o risco de ser preso, foi à estação de televisão pública denunciar a corrupção e a má administração nos mais elevados níveis do sistema judiciário.

— O senhor não tem medo de ser preso enquanto fala conosco? — perguntou o entrevistador.

— Não — respondeu o padre —, porque eles sabem que sou inocente dessas acusações ridículas e, se me prenderem, estarão apenas demonstrando sua cumplicidade em proteger o responsável pela fraude na fundação.

Naquele dia, uma petição com a assinatura de mais de 150 membros do clero, líderes de instituições governamentais, universidades e do prefeito de Quito circulou por todas as autoridades do governo, pela Suprema Corte, pelo chefe de polícia e pelos jornais. Aquelas pessoas atestavam o bom caráter do padre e o valor de sua obra, e exigiam a imediata retirada das acusações forjadas contra ele.

No dia seguinte, mais de mil simpatizantes invadiram o prédio da Suprema Corte exigindo a absolvição de MacInnes. O presidente da Suprema Corte, Carlos Solorzano, foi obrigado a aparecer para lhes garantir que nenhum mal seria feito ao padre, e que ele teria um julgamento justo.

Na semana seguinte, em entrevista a um jornal, Moya acusou publicamente padre Colin de desvio da verba. Mas, por causa do ânimo do povo e da evidente popularidade de MacInnes, as autoridades não estavam inclinadas a dar continuidade ao assunto. Seria muito arriscado politicamente.

Ainda assim, mesmo após outra

semana de silêncio, os protetores do padre acharam melhor que permanesse escondido. Depois que ele entrou em contato com parentes e amigos na Escócia para dizer que estava bem, a história tornou-se notícia internacional.

Alguns insistiam para que ele saísse do país enquanto podia e deixasse outro assumir a paróquia do

Comité. Havia muita gente no governo e na polícia do Equador com boas razões para temer o que o padre pudesse revelar.

MacInnes estava irreduzível. “Se vocês tivessem visto a convicção e a lealdade daquelas pessoas! Criancinhas enfren-

tando a polícia armada por minha causa!”, disse a um amigo. “Como posso pensar em abandoná-las?”

Depois de um mês isolado, voltou à casa paroquial em plena luz do dia.

MACINNES mal voltara ao trabalho quando soube que havia agora um prêmio por sua cabeça. Estava marcado para morrer e, além disso, seus inimigos ameaçavam pôr uma bomba na igreja.

“Eles já pagaram 5 mil dólares a um assassino para matá-lo, padre”, sussurrou com urgência o informante, “e prometeram mais 20 mil depois de terminado o serviço!”

MacInnes sabe que deve levar a

sério as novas ameaças. Até pensou em andar armado. Mas, enquanto isso, há trabalho a ser feito, e ele não vai se deixar intimidar. Assim, ao término de seu 12º ano no bairro, o padre pode ser encontrado, como sempre, em qualquer local onde precisem dele.

“Sabe”, explica o padre a um visitante, enquanto mostra uma parte do bairro tão miserável que não há palavras para descrevê-la, “olhando para trás, meu período mais memorável e gratificante aqui foi quando todos nos unimos para superar os problemas.”

Ele se detém no alto de uma colina íngreme e árida para olhar os frágeis barracos de madeira recentemente levantados por novos moradores.

O abastecimento de água ainda não chegou a essa parte da favela. Fezes humanas sujam a grama ressecada de ambos os lados do caminho entre as casas, e algumas galinhas magras ciscam por ali.

“O segredo para vencer esta miséria”, afirma MacInnes, “é incutir nas pessoas um senso comunitário duradouro. Isto e trabalho árduo. Não a veneração religiosa ou a fé em milagres.”

Mas em seguida seu rosto se entristece.

“Há poucas semanas”, conta, “tive de rezar três missas num só dia: uma para um garoto mestiço assassinado e outra para o negro suspeito do crime, que foi linchado. Depois rezei missa pelos que o lincharam. Eu sabia que estavam presentes à liturgia.

‘O segredo para vencer a miséria é incutir nas pessoas um senso comunitário duradouro’, afirma MacInnes.

Disse-lhes que todos tínhamos de pensar no tipo de comunidade que queríamos.” O escocês suspira profundamente e balança a cabeça. “Mas não sei se surtiu efeito. Como vê, temos um longo caminho a percorrer.”

Aonde quer que vá, em meio à imensa congregação, distribui apertos de mão com um caloroso “*Buenos días*” e uma ou duas palavras de estímulo. Por onde quer que passe, é saudado com um sorriso ou um abraço, e as crianças o cercam com alegria, puxando-lhe as roupas.

Caminhando de volta à sua caminhonete, é abordado por uma velha índia apoiada numa bengala. Os pés calejados e descalços da mulher estão deformados, e ela usa o xale de lã de lhama colorido, típico dos Andes. Quando o padre MacInnes se aproxima, ela sorri e estende a mão escura e enrijecida pela artrite para tocar a palma branca da mão dele.

– *Buenos días, padrecito* – diz ternamente, enquanto ele se inclina para ouvir a débil voz. – Padre, pode me dar um conselho...?

Em fevereiro de 1997, o governo corrupto de Abdala Bucaram foi derrubado pela revolta popular. Durante seu breve mandato, os preços da comida e do combustível aumentaram e a moeda sofreu desvalorização. Após uma semana de intensos protestos nas ruas de Quito, o Congresso votou pelo *impeachment* de Bucaram e nomeou Fabián Alarcón presidente interino até as eleições, no ano seguinte.

Enquanto isso, a imensa paróquia do padre continua a crescer. As gangues da favela praticamente desapareceram. MacInnes prossegue em sua luta diária para levantar fundos, pressionar os policiais a agir, elaborar planos de desenvolvimento habitacional, rezar missas, celebrar batizados, casamentos e funerais, e orientar seu rebanho com seus infinitos problemas.

Levantando-se às 6 horas todas as manhãs, e muitas vezes ficando acordado até depois da meia-noite, o dinâmico padre não demonstra sinal de fraqueza.

“Cada dia é uma aventura”, diz ele com um sorriso.

SABEDORIA QUE VEM DE LONGE



Provérbio espanhol: “Muitas vezes o amanhã é o dia mais ocupado da semana.”

Provérbio turco: “Pelo amor de uma rosa, o jardineiro é servo de mil espinhos.”

Provérbio persa: “A mão leve conduz o elefante por um fio.”

–ANNICK COTTREAU, França